

HUMANAS E SOCIAIS

V.8 • N.3 • 2020 • Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2020v8n3p160-172



PERCEÇÃO DE COMUNIDADE E DE ELEMENTOS DE AUTOIDENTIDADE PARA MULHERES DE CLASSE MÉDIA

PERCEPTION OF COMMUNITY AND SELF-IDENTITY ELEMENTS FOR MIDDLE-WOMEN

PERCEPCIÓN DE ELEMENTOS COMUNITARIOS Y DE IDENTIDAD PARA MUJERES DE CLASE MEDIA

Elza Francisca Corrêa Cunha¹
Neilson Santos Meneses²
Carmelita Rikelly Santos de Souza³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar algumas categorias surgidas em uma investigação sobre elementos identitários femininos e aspectos relacionados à comunidade que emergiram de um estudo com 21 mulheres de classe média. Aplicou-se um roteiro semiestruturado de entrevista. A caracterização sociodemográfica foi tratada pelo aplicativo SPSS-20 e as informações subjetivas interpretadas pela Análise de Conteúdo. Apurou-se que a idade média das participantes foi 41,7 anos; a renda média familiar de seis salários mínimos. A escolaridade variou entre superior incompleto e doutorado. As participantes estavam empregadas e os trabalhos domésticos e remunerados foram relacionados positivamente à sua identidade. Na Representação Social de Comunidade, foi ressaltado o bem estar coletivo. Como elementos identitários, as mulheres afirmaram gostar de estudar, de ler e do próprio corpo, mas o modificariam e a respeito da participação feminina na política, embora elas tenham elogiado a coragem das mulheres que exercem cargos públicos a maioria afirmou que não exerce e nem tem intenção de exercer nenhum cargo político.

PALAVRAS-CHAVE

Mulheres. Classe Média. Comunidade. Autoidentidade Feminina. Representação Social.

ABSTRACT

This article aims to analyze some categories that emerged from an investigation into female identity elements and community-related aspects that emerged from a study of 21 middle-class women. A semi-structured interview script was applied. The sociodemographic characterization was treated by the SPSS-20 application and the subjective information interpreted by the Content Analysis. The mean age of the participants was 41.7 years; the average household income of six minimum wages. Schooling ranged from incomplete college to doctorate. The participants were employed and domestic and paid work were positively related to their identity. In the Social Representation of Community, the collective welfare was emphasized. As identity elements, women said they liked to study, read and their own body, but they would modify it and about female participation in politics, although they praised the courage of women in public office and don't intends to hold any political office.

KEYWORDS

Women. Middle Class. Community. Female self identity. Social Representation.

RESUMEN

Este artículo tiene como meta analizar algunas categorías que surgieron de una investigación sobre elementos de identidad femenina y aspectos relacionados con la comunidad que emergió de un estudio con 21 mujeres de clase media. Se aplicó un guía de entrevista semiestructurada. La caracterización sociodemográfica fue tratada por la aplicación SPSS-20 y la información subjetiva interpretada por el Análisis de Contenido. La edad media de los participantes fue de 41,7 años; El ingreso familiar promedio de seis salarios mínimos. La escolaridad varió desde la universidad incompleta hasta el doctorado. Las participantes estaban empleadas y el trabajo doméstico y remunerado estaban positivamente relacionados con su identidad. En la Representación Social de la Comunidad, se enfatizó el bienestar colectivo. Como elementos de identidad, las mujeres dijeron que les gustaban estudiar, leer y su propio cuerpo, pero lo modificarían y sobre la participación femenina en la política, aunque elogiaron el coraje de las mujeres en cargos públicos y no tiene la intención de ocupar cualquier cargo político.

PALABRAS CLAVES

Mujeres. Clase Media. Comunidad. Autoidentidad Femenina. Representación Social.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta resultados parciais de um estudo que investigou a representação social de comunidade e a percepção de mulheres da classe social média sobre alguns elementos que constituem a identidade feminina, como corpo, *o significado de trabalhos doméstico e remunerado* e participação feminina na política.

Quando nos debruçamos sobre a literatura que trata da realidade de mulheres por situação de classe, observamos uma lacuna a respeito de estudos que vinculem especificamente a percepção de mulheres com relação à autoidentidade e noções de comunidade. O presente estudo traz à baila uma discussão relevante no que diz respeito às temáticas mencionadas e acena para a continuidade da pesquisa no sentido de comparar dados de diferentes classes sociais.

Na teoria de representação Social, assinalamos que para o seu precursor, Moscovici (apud SÁ, 2015, p.189), as explicações dos fenômenos apresentadas pelos sujeitos não são apenas opiniões ou atitudes em relação aos objetos sociais envolvidos, mas têm uma rede de combinações de diferentes escopos e objetos, que correspondem a “uma lógica própria, com estrutura globalizante de implicações, para qual contribuem informações e julgamentos valorativos colhidos nas mais variadas fontes institucionais e em experiências pessoais e grupais”. Tais conceitos e afirmações são “verdadeiras teorias do senso comum, ciências coletivas suis generis, pelas quais se procede à interpretação e mesmo à construção das realidades sociais” (MOSCOVICI apud SÁ, 2015, p. 48).

A concepção de comunidade para Tönnies (1942 apud BRANCALEONE, 2008) é diferente de sociedade, já que o primeiro termo é caracterizado pelas relações pessoais e de afetividade, comprometimento moral – de moral e valores compartilhados pelo grupo e de coesão social. Assim, a comunidade é voltada para seu interior, onde predominam os hábitos, os costumes e a cooperação, é um tipo de organização que caracteriza grupos, como a família, aldeias e pequenos grupos urbanos.

Tönnies (1942 apud BRANCALEONE, 2008) formulou as teorias de sociedade e de comunidade, tendo por base o pressuposto aristotélico de ser o homem animal gregário, no qual afirma, formarem as ações oriundas da vontade, uma união, tanto no sentido da conservação quanto da ameaça. Tal união, quando configurada pela vontade natural, seria caracterizada como comunidade (*gemeinschaft*) em que as pessoas permanecem unidas apesar das separações e, ao contrário, na sociedade, elas mantêm-se separadas apesar de quaisquer uniões.

Na sociedade, a vontade é considerada como subjetiva, moralmente autônoma, independente e autossuficiente, estando para si em um estado permanente de tensão com as demais, sendo as outras vontades, na maioria das vezes, consideradas atos de hostilidade (TÖNNIES, 1942, p. 54-75 apud BRANCALEONE, 2008).

O desenvolvimento da autoidentidade se constitui em um processo dialético entre um indivíduo e a sociedade. A este respeito, Berger e Luckmann (1976) alegam que esse processo é o resultado das diversas interações do indivíduo com o seu meio e nesta perspectiva a identidade social de cada pessoa se caracteriza pelo conjunto das suas vinculações sociais.

O desenvolvimento da autoidentidade está diretamente relacionado com a constituição psicológica do indivíduo. Neste sentido, Giddens (2002, p. 39) afirma “Ser humano é saber quase sempre, em

termos de uma descrição ou outra, tanto o que se está fazendo como porque se está fazendo”. Para o autor, esta consciência reflexiva permeia toda ação humana e é a condição específica da reflexividade institucional maciçamente desenvolvida, componente intrínseco da modernidade.

Nesta perspectiva, todos os homens monitoram continuamente as circunstâncias de suas atividades como parte do fazer o que fazem e esse monitoramento sempre tem características discursivas. Isto significa que ao ser interpelado, o agente faz interpretações discursivas da natureza e das razões do seu comportamento.

Identidade para Castells (2002, p. 22) refere-se ao “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado” e este significado, além de se originar, é construído pelos sujeitos por meio do processo de individuação. No caso dessas identidades se formarem a partir de instituições dominantes, o processo se dá com a internalização das regras e significados institucionais.

Desta forma, existem múltiplas identidades, o que desencadeia nas pessoas, tensões e contradições, na sua autorrepresentação e na sua ação social. O autor diferencia identidade de papéis sociais, estes são determinados por organizações sociais, como nos papéis de militante política, trabalhador, mãe, vizinho, religioso, entre uma diversidade de outros possíveis de serem desempenhados por um/a único/a ator/a. Os papéis sociais são fortes influências para os comportamentos nas negociações entre o sujeito e as instituições.

Goffman (1959) relaciona ao papel social, os direitos e deveres assumidos por uma pessoa à sua condição social e afirma que eles são representados por atos que interagem com expectativas de outras pessoas. Desse modo, os papéis sociais sinalizam comportamentos determinados, diferenciados e hierarquizados socialmente, tais como na miríade de profissões, bem como no desempenho social de ser mãe, filha ou madrinha. O autor nomeia a pessoa que desempenha determinadas expectativas de agente de papel e aquelas a quem se relaciona, de expectadoras de papel.

Nas suas formulações, o autor canadense, ainda, compara a vida social a um palco, onde se encenam os variadíssimos papéis sociais, em que os indivíduos não são os mesmos em todas as circunstâncias e exemplifica com a profissão de policial em diversas posições sociais, exercendo papéis sociais condizentes com tais posições em período de trabalho, utilizará um vocabulário específico, diferente daquele empregado quando está em sua casa e cumpre os papéis de pai e marido, ou quando encontra amigos para uma partida de futebol.

O supracitado autor parte do pressuposto de que uma interação, constituída pela influência recíproca dos indivíduos em contato é estabelecida de acordo com uma definição prévia de hierarquias, papéis e expectativas envolvidas em cada encontro. Uma vez negociado e compreendido o que está em jogo em uma dada interação, o indivíduo passa a gerir a apresentação do seu Eu (Self) em relação às impressões anteriormente estabelecidas, no sentido de alcançar objetivos formulados previamente, de maneira consciente ou não. Desse modo, cada interação social se estabelece de acordo com os atores (reunidos ou não em equipes), com a plateia e com as expectativas estabelecidas entre eles (MACIEL; BERBEL, 2015).

Segundo Bronfenbrenner (1996), a existência de papéis sociais preestabelece ações, cria maneiras de agir e demarca fronteiras entre o feminino e o masculino. A construção da identidade de homens e mulheres tem se configurado historicamente na base de separação entre as esferas pública e privada, onde as atribuições de papéis, atitudes e valores são definidas segundo os supostos modelos que estabelecem estereótipos masculinos e femininos.

Contudo, de acordo com Corrêa-Cunha e Meneses (2016), as ações das mulheres vêm abordando criticamente as concepções que determinam a rígida separação dos espaços sociais segundo características inerentes aos sexos. As lutas sociais, levadas a frente por muitas mulheres, como indicam os autores, especificamente as brasileiras, revelam significativos ganhos, na esfera política, mas, “algumas conquistas têm mascarado uma histórica guerra, ainda distante de ser vencida” (CORRÊA-CUNHA; MENESES, 2016, p. 61).

Para Giddens (2000), as famílias desenvolvem ensinamentos de gênero com regras e valores próprios. Assim, no Ocidente, as meninas desde recém-nascidas, são vestidas de rosa, com laço de fitas, iniciando o aprendizado de rituais de beleza que deverá fazer parte de sua identidade feminina. A indumentária corporal é um importante aspecto no que tange aos estudos sobre a identidade.

O corpo, segundo o autor, é um veículo e habitá-lo, pode ser privilégio, ou uma imposição, como também pode trazer bem-estar, prazer e em contrapartida, doenças e depressão; além de portar significativas manifestações do *selfe* da autoidentidade. A aparência corporal passa pelo modo de vestir, pela escolha dos acessórios, pela postura, pela sensualidade que envolve prazer e/ou dor, em face aos torturantes regimes de condicionamentos físicos e alimentares aos quais o corpo é submetido em busca de perfeição.

A aparência e a postura são construídas não só pela mulher e estão intimamente ligadas ao ambiente sociocultural. Cuidar do corpo na modernidade, especialmente para alguns grupos sociais, não tem necessariamente relação com a busca de saúde, mas com os estereótipos sociais de prazer e perfeição atribuídos à mulher. O corpo tem o poder de ajudar a manter a boa aparência e, por consequência, a sua satisfação.

Mas nem sempre a mulher consegue controlar o seu corpo, sendo comum, para significativas parcelas de setores femininos, para preservá-lo, desenvolver doenças como a anorexia nervosa ou a bulimia, versões extremas das preocupações com o corpo, que podem contribuir positivamente para aperfeiçoar a identidade ou negativamente para distanciar-la dos ideais almejados (VIEIRA, 2005).

2 MÉTODO

A pesquisa foi conduzida pelos padrões éticos exigidos pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Humanos e o projeto foi aceito sob o número CAAE: 87868518.7.0000.5546. A coleta de dados foi realizada entre novembro 2018 e fevereiro de 2019 em um Shopping e em uma universidade pública da cidade. As mulheres da amostra foram abordadas e solicitadas a participarem da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A pesquisa que gerou este artigo, ainda está em andamento e investigou duas amostras de mulheres de dois grupos socioeconômicos diferentes, selecionadas por conveniência, sendo a primeira

conduzida com 21 mulheres moradoras em um conjunto habitacional popular com renda mensal média de um salário mínimo. A segunda parte da amostra, a que se refere este artigo, foi composta por 21 mulheres residentes em bairros de classe média na cidade de Aracaju-SE e com uma renda mensal média de seis salários mínimos.

Adotou-se como critério para composição dessa última amostra as condições de renda de cinco salários mínimos e a escolaridade superior, ainda que incompleto. Foi utilizado um roteiro de entrevista que na primeira parte investigou dados sociodemográficos da amostra e na segunda, com cinco blocos de questões, o desempenho de papéis femininos (pessoais e coletivos), opiniões sobre o próprio corpo, percepção sobre trabalho desempenhado e o significado de comunidade para elas.

As respostas às questões objetivas foram assinaladas pelas entrevistadoras na presença da entrevistada. As respostas subjetivas foram gravadas em áudio, transcritas na íntegra e posteriormente submetidas a Análise de Conteúdo de Bardin (2007).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados configuraram uma investigação qualitativa. Neste sentido, os dados de caracterização sociodemográfica foram tratados a partir do programa SPSS-20 e por se tratar apenas de uma caracterização da amostra não levou a análises estatísticas de porte que configurasse estudo quantitativo.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

O levantamento dos dados mostrou a idade média de 41,7 anos das participantes; a renda familiar média foi de R\$ 6.209,00. Somente uma mulher afirmou que “infelizmente não trabalha fora” e as demais mostraram satisfação em trabalhar fora de casa. Entre as profissões encontramos professoras de ensino médio e universitária, geógrafa, fonoaudióloga, enfermeira, estudante universitária. O nível de escolaridade variou entre superior incompleto até doutorado completo.

3.2 DESCRIÇÃO DOS DADOS QUALITATIVOS

Das informações oriundas das entrevistas surgiram algumas categorias, que neste trabalho, analisamos: *Representação Social de Comunidade*; Opinião sobre cargos Políticos Femininos; Exercício de Cargo Político e Elementos Identitários Femininos, que as participantes se pronunciaram sobre quem eram, o que gostam a sua percepção sobre o próprio corpo e sobre os trabalhos que realizam.

Representação Social de Comunidade – Nas opiniões das participantes sobre a comunidade a maioria assinalou o aspecto coletivo e a reunião dos moradores em um local geográfico:

Comunidade é viver em harmonia, porém sabendo que sempre vai haver momentos difíceis que serão necessários sabedoria e inteligência para solucionar o problema (M. 22).

Um local de convivência onde as pessoas pensam e agem em prol da coletividade (M. 31).

Grupo de pessoas que moram em um mesmo local, com uma herança cultural (M. 39).

Vivência entre pessoas que se estabelece identidade, confiança, diálogo, alteridade. Ambiente de construção coletiva (M. 21).

Em uma investigação conduzida por Corrêa-Cunha, Meneses, Kappler, Santos e Santos (2018), sobre representação social de comunidade com moradoras de um conjunto habitacional popular as respostas revelaram significativa diferença com o grupo de mulheres de classe média. Enquanto estas últimas, como se pôde observar nas falas acentuaram o caráter coletivo que deve haver na comunidade, as mulheres do conjunto popular, embora tenham apontado aspectos positivos como a necessidade de união, assinalaram, contudo, o conflito, a violência, que faziam parte da vida comunitária delas, conforme as citações:

Eu queria que o povo parasse de se matar, é muita falta de segurança (M. 51).

Comunidade é um grupo de pessoas envolvidas pra alguma coisa (M. 52).

Se a gente for analisar aqui é dividida em duas partes, a parte de quem mora perto da praia, que é a parte de quem tem dinheiro, e a parte de quem mora perto da maré, que é que não tem dinheiro e que todo mundo tem medo. Mas, eu acho calmo, eu não acho tão perigoso como as pessoas falam. Eu acho que... Reconheço que falta uma estrutura, mas isso aqui não é só na comunidade (M. 54).

O conflito comunitário mencionado pelas mulheres desse conjunto habitacional faz alusão à definição de comunidade expressa por Burke (2002), de ser um espaço pautado por atitudes conflituosas que necessitam ser construídos e reconstruídos constantemente. As participantes se referiram à violência, que tem sido uma penosa característica presente nos bairros de baixa renda e muito embora as cidades como um todo estejam também sujeitas, a mídia ressalta o maior índice de violência nas comunidades com baixo poder aquisitivo.

Opiniões sobre Cargos Políticos Femininos – Nesta categoria todas as mulheres opinaram positivamente sobre o desempenho feminino de papéis sociais políticos. A maioria afirmou não exercer e não querer exercer nenhum cargo político. Assinale-se que uma participante respondeu que não exerce nenhum cargo político, mas gostaria de ser senadora e uma professora universitária falou do caráter político da sua profissão.

Não exerço, mas gostaria de ser senadora (M. 24).

Ótimo! Infelizmente são poucas que chegam a esse cargo. Nos últimos anos veio ganhando mais espaço (M. 25).

Eu acho ótimo. Representa uma grande parcela da população que há muito tempo não é ouvida nem respeitada. A participação dela na política permite que seja colocado suas opiniões, perspectivas que atuariam positivamente em toda sociedade (M. 34).

O professor exerce importante papel político (M. 41)

Os estudos de Pinheiro (2007) apontam que a sub-representação feminina, entre outros fatores, está ligada às resistências e preconceitos presentes nas instituições, especialmente nas partidárias, em relação ao acesso seletivo aos recursos econômicos e sociais, aos papéis de gênero e à socialização diferenciada que, por meio da formação educacional e da cultura dominante, desconsidera a preparação da mulher para a disputa política e para o poder. A autora revela que mesmo com as mudanças ocorridas nas últimas décadas em relação ao papel das mulheres na sociedade, um dos principais elementos que dificultam a entrada da mulher na política institucional é

A socialização diferenciada e dos valores, que dizem respeito ao processo de construção de papéis sociais diferenciados para homens e mulheres com base em uma concepção de gênero. Essa diferenciação se inicia no ambiente familiar, mas tem continuidade em outras instituições sociais que acabam por difundir e reforçar a separação de papéis entre homens e mulheres, reproduzindo uma concepção tradicional do que é ser homem e do que é ser mulher. Desse modo, um conjunto de estereótipos – que tem sido constantemente combatidos pelos movimentos feministas e de mulheres – perpetua-se para além da escola e alcança o momento de decisão profissional, no qual as mulheres acabam deslocando-se para espaços ditos “femininos” e “tradicionais” (serviço doméstico, serviço social, pedagogia), enquanto os homens concentram-se nas atividades “modernas”, tais como aquelas das áreas de ciências exatas e informática. (PINHEIRO, 2007, p. 78).

A referida autora relaciona o sistema de socialização diferenciado entre homens e mulheres com a atitude de negação das mulheres em relação à política. Como observado nos dois grupos de mulheres investigados, também no seu estudo, a autora se deparou com o desinteresse das mulheres em ocupar cargo público. Tal desinteresse, em suas palavras, pode estar encobrendo a insegurança e o medo que as mulheres têm de não serem competentes para exercerem papel de representantes e de não possuírem as habilidades políticas. Neste sentido, afirma a autora:

Muitas mulheres talentosas e capazes, que conquistam prestígio, reconhecimento e liderança através de sua participação ativa em diferentes tipos de movimentos sociais, nem sequer pensam que elas poderiam (ou deveriam) ser indicadas para um mandato no Parlamento. (PINHEIRO, 2007, p. 79).

Elementos da Autoidentidade - Sobre a perspectiva que têm acerca de si, as mulheres falaram quem eram, o gostam de fazer, percepção do próprio corpo e o significado dos trabalhos doméstico e

remunerado. Os relatos sobre ler, estudar e trabalhar em casa tiveram as mais altas incidências com 30%, 24% e 24% respectivamente.

Gosto de ler, estudar estar entre amigos e familiares. Não gosto de multidão (M. 21).

Sou uma pessoa alegre, divertida, gosto de cuidar da família, de ler, (M. 25).

Gosto de ler, viajar, conversar com os amigos em casa, trabalho, estudo. Um dos meus problemas é mania de perfeição (M. 22).

Observa-se a diversidade de papéis vivenciados e desempenhados pelas participantes nas mais diversas conjunturas sociais pelas quais elas transitam. Para Silva, Hall e Woodward (2000, p. 30) os diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais.

Em todas as situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas situações, representando-nos, diante dos outros de forma diferente em cada um desses contextos. Em certo sentido, somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmos – de acordo com os “campos sociais” nos quais estamos atuando. (SILVA; HALL; WOODWARD, 2000, p. 30).

Outro aspecto interessante que surgiu e que podemos chamar de elementos de autoidentidade, embora não tenhamos reproduzido as falas, foi a satisfação que a maioria das entrevistadas revelou em trabalhar fora de casa, embora sejam responsáveis, também, pelas tarefas domésticas. Uma única representante da amostra demonstrou sua insatisfação em não trabalhar fora de casa, ao responder: “infelizmente eu não trabalho fora”.

O trabalho, segundo os analistas, é uma importante forma de o gênero feminino resistir aos ataques masculinos face à sua identidade, pois o prestígio, sem dúvida, está com quem detém a hegemonia econômica. Afirma Gibson e Graham (1996, p. 28) “que o capitalismo é uma arquitetura ou estrutura de poder que é conferida pela propriedade e pelo controle diretivo ou financeiro”. Assim, à mulher que não trabalha fora do lar está destinado o papel de ser mantida e, por essa razão, a subjugação ao poder do marido.

As mulheres explicitaram uma rotina caracterizada dupla jornada de trabalho, na qual em paralelo as tarefas do trabalho remunerado (fora do lar), a responsabilidade pelos intermináveis afazeres doméstico, que elas demonstraram contentamento em executar:

Faço tudo em casa (M. 21).

Gosto também de cuidar do lar (M. 25).

Sou maravilhosa em casa e gosto de ler (M. 32).

Gibson e Graham (1996) afirmam que a luta feminista para a equiparação das mulheres aos homens no que toca ao trabalho não está favorecendo o sexo feminino, ao contrário, está masculinizando-a. O fato de as mulheres trabalharem em igual número de horas que os homens e com as mesmas funções não significa a sua libertação, para os autores é uma dupla escravatura, pois, ao mesmo tempo, trabalha em sua profissão e no lar, duplicando sensivelmente a sua jornada de trabalho.

Nos relatos sobre o próprio corpo, 35% das participantes do presente estudo afirmaram que gostavam do próprio corpo, mas apontaram algum aspecto que mudariam; cerca de 25% delas expressaram vontade de perder peso e igualmente esse percentual gostariam de diminuir a barriga, surgiram ainda descontentamento com o nariz e com os seios. Eis alguns depoimentos

Faria uma plástica na barriga (M.21)

Gosto do meu corpo no contexto geral, mas mudaria meu nariz (M. 22)

Não gosto do meu corpo, faria uma bariátrica (M. 34).

Pôde-se observar que as percepções apontadas sobre o próprio corpo, guardam semelhanças com as explicações de alguns autores. A este respeito, Mauss (2003, p. 404-405), considera que existem hábitos corporais que variam de acordo com a cultura e o período histórico. Assim, há uma “imitação prestigiosa” onde “a criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu serem efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela”.

Ainda com referência as participantes que expressaram vontade de mudar o corpo, Goldenberg (2010) afirma que no Brasil existe um modelo de corpo específico (jovem, magro, em boa forma, sexy), que segundo Bourdieu (2003) seria um corpo distintivo, definido como capital e os diversos tipos de capital são as influências que definem as probabilidades de ganho em um campo da sociedade. No entanto, esse corpo só é conquistado por meio de investimento financeiro, trabalho, sacrifício e tempo.

4 CONCLUSÕES

Do estudo realizado foram analisadas as categorias *Elementos da Autoidentidade Feminina*, na qual as participantes afirmaram que gostavam de fazer (ler, estudar e trabalhar fora e dentro do lar); *percepção do próprio corpo*: a maioria afirmou que gostava do próprio corpo, ainda assim, apontou aspectos que gostaria de mudar, como diminuir barriga, perder peso, diminuir seios.

Observou-se nas informações trazidas pela amostra, forte influência midiática e de construção cultural do corpo, aprovado socialmente, que, segundo a literatura especializada exige uma infraestrutura econômica, que nem sempre está dentro dos padrões das participantes, ainda que estas apresentem um perfil sociodemográfico de classe média.

As entrevistadas se reportaram ao papel social que executam, especialmente representado pelas atividades domésticas, ainda que ligado a outras tarefas que afirmaram gostar de desempenhar,

como ler, estudar e trabalhar fora do lar. Outros papéis sociais apontados pelas participantes, como estudantes, trabalhadoras e mães.

As respostas da categoria *Representação Social de Comunidade* revelam um sentimento de pertencimento por parte das entrevistadas ao seu local de moradia, tendo sido assinalados os aspectos comum e coletivo como imprescindíveis para a existência da comunidade.

No que diz respeito às *Opiniões sobre Cargos Políticos Femininos*, as participantes deste estudo afirmaram que não exercem cargo político e não se sentem motivadas para tal, contudo, elas elogios à coragem das protagonistas políticas.

As mulheres da amostra apresentam qualificação profissional, estão empregadas e as tarefas domésticas são relacionadas por elas como pertencentes a sua identidade, pois foi precisamente resposta à pergunta “Fale quem é você”. Apesar de realizarem trabalhos domésticos, as participantes os associam a outras atividades que realizam e mostram satisfação em realizá-los.

Pode-se afirmar que os dados obtidos, tanto no que diz respeito aos Elementos de Autoidentidade feminina, quanto às características comunitárias, têm corroborado as conclusões dos estudos referidos no artigo.

Recomenda-se a realização de outros estudos que busquem analisar a percepção de mulheres de diferentes regiões brasileiras acerca de sua comunidade e sobre os elementos de autoidentidade. Tal questão pode ser considerada relevante, na medida em que esses estudos podem contribuir para o desenho de políticas públicas mais eficientes e que favoreçam a implementação de ações em favor de um possível empoderamento dos setores femininos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2003.

BRANCALEONE, Cassio. Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tönnies. **Revista de Ciências Sociais**, v. 39, n. 1, 2008. Disponível em: http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v39n2/rcs_v39n2a7.pdf. Acesso em: 23 maio 2017.

BRONFEBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: artes Médica, 1996

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CASTELLS, Manuel. **Paraísos comuns**: identidade e significado na sociedade em rede. Em: O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CORRÊA-CUNHA, Elza Francisca *et al.* Papéis sociais desempenhados por mulheres em conjunto habitacional popular. Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, 11. **Anais...**, São Cristóvão-SE, Brasil, 2017. Disponível em: http://anais.educonse.com.br/2017/papeis_sociais_desempenhados_por_mulheres_em_conjunto_habitaciona.pdf. Acesso em: 23 jan. 2018.

CORRÊA-CUNHA, Elza Francisca *et al.* Representação social de comunidade e elementos de autoidentidade para moradoras de conjunto habitacional popular. **Revista Interfaces Humanas e Sociais**, v. 6 n. 3, p. 145-154, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/humanas/article/view/4465/2902>. Acesso em: 4 jun. 2018.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1959.

GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: gênero, casamento e envelhecimento na cultura brasileira. **REDIGE**, Revista de Design, Inovação e Gestão Estratégica, v.1, n.1, 2010.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, 2006.

PINHEIRO, Luana Simões. **Vozes femininas na política uma análise sobre mulheres parlamentares no pós-Constituinte**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2007.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
SÁ, Celso Pereira de. Representações sociais: O fenômeno, o conceito e a teoria geral. **Estudos de Psicologia Social**, Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 183-208, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

VIEIRA, Josênia Antunes. **A identidade da mulher na modernidade**. **DELTA**, v. 21, n. spe, p. 207-238, 2005.

Recebido em: 6 de Novembro de 2019

Avaliado em: 24 de Janeiro de 2020

Aceito em: 4 de Fevereiro de 2020



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Mestre em Psicologia Cognitiva pela Fundação Getúlio Vargas – FGV; Professora associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe – UFS; Líder do grupo de pesquisa Desenvolvimento, Saúde e Políticas Coletivas – UFS. E-mail: elzafrancisca@gmail.com

2 Doutor em Ordenamento Territorial e Meio Ambiente pela Universidade de Zaragoza (Espanha); Mestre em Geografia Agrária pela Universidade Federal de Sergipe – UFS; Professor do Departamento de Geografia da UFS. E-mail: nmeneses@bol.com.br

3 Cientista Social pela Universidade Federal de Sergipe – UFS; membro de Grupo de Pesquisa Desenvolvimento, Saúde e Políticas Coletivas, bolsista COPES/POSGRAP/ UFS. E-mail: rhi@hotmail.com.br



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhaigual CC BY-SA